



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Relação entre Educação Financeira e Aversão ao Risco

André Camlot Carneiro

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCS

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

Graduação em Administração de Empresas

Rio de Janeiro, Junho de 2018



André Camlot Carneiro

Relação entre Educação Financeira e Aversão ao Risco

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao programa de graduação em Administração da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Administração.

Orientador(a) : Marcelo Cabús Klötzle

Rio de Janeiro

Junho de 2018

Agradecimentos

Aos meus pais, ao meu irmão e a toda a minha família por toda a ajuda e suporte, durante todos os momentos da minha vida.

À minha namorada, pelo apoio e força em todos os momentos em que precisei.

Aos meus amigos, pela compreensão da minha ausência durante o período em que desenvolvi esta monografia.

Ao meu orientador, por todos os conselhos, ajudas e dicas durante o desenvolvimento deste trabalho.

Resumo

Carneiro, Camlot André. Relação entre educação financeira e aversão a risco. Rio de Janeiro, 2018. Número de páginas 41p. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Educação financeira e aversão ao risco são dois temas amplamente abordados, e, por isso, de grande importância no que diz respeito a investimentos no âmbito da pessoa física. Os temas também são importantes para uma melhor tomada de decisão por pessoas que possuam ou eventualmente venham a possuir investimentos. Assim, o objetivo desse trabalho é verificar, através de uma pesquisa, se existe uma relação entre esses dois conceitos, e, caso exista, qual seria. A pesquisa foi realizada através de um questionário com perguntas de âmbito demográfico para identificar o perfil das pessoas, além de questões sobre educação financeira e risco. Posteriormente, foram analisados os resultados obtidos para se chegar a uma conclusão dentro dos objetivos e limitações dessa monografia.

Palavras- chave

Educação financeira; aversão ao risco; investimentos.

Abstract

Carneiro, Camlot André. Relationship between financial education and risk aversion. Rio de Janeiro, 2018. 41p. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Financial education and risk aversion are two largely discussed issues, and therefore of great importance with regard to personal investments. These subjects are also important for better decision-making by people who own or may eventually own investments. Thus, the purpose of this work is to verify, through a research, if there is a relation between these two concepts, and, if it exists, what would be. The research was carried out through a questionnaire with demographic questions to identify the profile of people, as well as questions about financial education and risk. Subsequently, the results obtained were analyzed to reach a conclusion within the objectives and limitations of this work.

Key-words

Financial education; risk aversion; investments.

Sumário

1 . Introdução	1
1.1. Introdução ao tema e ao problema do estudo	1
1.2. Objetivo do estudo	2
1.3. Delimitações do estudo	2
1.4. Relevância do estudo	2
2 . Revisão da Literatura	3
2.1. Educação Financeira	3
2.2 Risco	6
2.3 Aversão ao Risco	7
3. Metodologia	10
3.1. População e Amostra	11
3.2. Coleta de Dados	11
3.3. Tratamento dos Dados Coletados	12
3.4 Limitações do Método Utilizado	13
4 . Apresentação e análise dos resultados	14
4.1. Características da amostra estudada	14
4.2. Nível de Educação Financeira Geral	15
4.2.1 Classificação por Homens	16
4.2.2 Classificação por Mulheres	17
4.3. Nível de Aversão ao Risco Geral	18
4.3.1 Classificação por Homens	18
4.3.2 Classificação por Mulheres	19
4.4. Classificação Geral	20
4.4.1 Classificação por Homens	22
4.4.2 Classificação por Mulheres	23
5 . Conclusões e recomendações para novos estudos	25
Referências Bibliográficas	28
Anexo 1	31

Lista de Figuras

Figura 1: Tipos de perfis de investidor.....	13
Figura 2: Gênero dos participantes da pesquisa.....	14
Figura 3: Nível de Educação Financeira geral dos participantes da pesquisa.....	15
Figura 4: Nível de Educação Financeira nos homens participantes da pesquisa.....	16
Figura 5: Nível de Educação Financeira nas mulheres participantes da pesquisa	17
Figura 6: Nível de Aversão ao Risco geral dos participantes da pesquisa.....	18
Figura 7: Nível de Aversão ao Risco nos homens participantes da pesquisa.....	19
Figura 8: Nível de Aversão ao Risco nas mulheres participantes da pesquisa...	20
Figura 9: Perfis de Investidor Observados na Pesquisa.....	22
Figura 10: Perfis de Investidor Observados na Pesquisa dos Homens.....	23
Figura 11: Perfis de Investidor Observados na Pesquisa das Mulheres.....	24

1. Introdução

1.1. Introdução ao tema e ao problema do estudo

De acordo com Junior, Rigo e Cherobim (2005), os investidores não se comportam da mesma maneira em relação ao risco: pessoas mais arrojadas fazem seus investimentos pessoais com menor receio de perdas, almejando maiores ganhos, ou seja, assumem maiores riscos.

Conforme Gitman (2004), risco é a possibilidade de perda financeira. Os ativos considerados mais arriscados são os que oferecem maiores possibilidades de perdas financeiras. Ainda segundo o autor, risco é usado como sinônimo de incerteza e refere-se à variabilidade dos retornos associados a um ativo.

Nesse sentido, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2009) destaca a importância da educação financeira nas decisões da vida dos indivíduos, pois ajuda que realizem objetivos, tais como melhores condições para financiar a educação dos filhos, terem um plano de saúde, planejarem uma aposentadoria, bem como criarem uma reserva para casos de emergência.

De acordo com Mankiw (2001), o investimento em educação financeira é tão importante quanto o investimento em capital físico para o sucesso econômico a longo-prazo de um país e uma das formas de melhorar o padrão de vida da população é proporcionar-lhe um bom ensino e incentivar o uso do conhecimento adquirido.

A abordagem desta monografia buscará verificar a relação entre o grau de educação financeira e o grau de aversão ao risco para um determinado público.

1.2. Objetivo do estudo

O presente trabalho tem por objetivo, basicamente, obter alguma indicação de como o grau de educação financeira de um indivíduo encontra-se relacionado ao seu grau de aversão a risco em investimentos financeiros, considerando-se um determinado grupo.

1.3. Delimitações do estudo

Vale lembrar que o estudo aqui realizado possui algumas limitações dado as suas circunstâncias. Uma delas é que a amostra não necessariamente reflete a realidade da sociedade em geral, tendo em vista que o questionário foi realizado com a participação majoritariamente de estudantes da PUC - Rio. Outro fato importante é que esse estudo foi feito com base em pesquisas realizadas dentro de apenas 6 meses (primeiro semestre de 2018), fazendo com que não necessariamente os resultados obtidos reflitam a realidade dessas pessoas ao longo dos anos. Em outras palavras, o tempo de realização da pesquisa tem que ser levado em consideração como uma das limitações. Além disso, outra limitação quanto ao aspecto estatístico, é o tamanho da amostra estudada.

1.4. Relevância do estudo

Esse trabalho é relevante para diversos tipos de pessoas e áreas dentro dos seus diferentes focos e interesses pessoais.

Dentro das limitações desse estudo, pretende-se verificar a relação entre educação financeira e risco, e, com isso, constatar-se a importância de ambos na tomada de decisão do investidor. Assim, mostra-se importante para o estudante perceber os benefícios e as vantagens de desenvolver a sua educação financeira, pois isso poderá gerar melhores decisões financeiras ao longo de sua vida.

Para o setor de mercado de capitais e financeiro, seria uma contribuição no sentido de se conhecer e estudar os fatores que afetam as decisões de investimento das pessoas físicas

Para a área acadêmica, esse estudo pode ser usado como base e complementação para estudos mais profundos e detalhados a serem desenvolvidos.

2. Revisão da Literatura

2.1.Educação Financeira

De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2009), a educação financeira pode ser conceituada como o processo em que o indivíduo faz escolhas conscientes e se mantém bem informado a respeito da economia para elaborar a melhor forma de lidar com seu dinheiro.

Ainda de acordo com a OCDE, a educação financeira pode trazer benefícios a pessoas de diferentes níveis de renda, podendo vir a ser uma ferramenta de planejamento orçamentário financeiro de modo a se ter um melhor controle dos seus gastos. Outra vantagem é o planejamento da aposentadoria para pessoas de mais idade e ainda dar suporte na tomada de melhores decisões de investimentos.

Segundo Luiz Carlos Peretti (2008), educação financeira é proporcionar uma mentalidade inteligente e saudável sobre dinheiro. Saber ganhar, gastar, poupar, investir e doar dinheiro. A capacidade de administrar o seu dinheiro. Fazer o que deseja com responsabilidade, ética e maturidade. Ainda segundo Luiz Carlos Peretti (2008), educação financeira é fazer despertar para a inteligência financeira, o dinheiro trabalhando para você. Saber plantar para depois colher. Criar o hábito de poupar para aprender a investir. Criar a independência financeira. Segundo o autor, a maioria das pessoas associa o dinheiro a prazeres imediatos.

Jacob et al (2000) definem educação financeira como conhecimentos de termos, práticas, direitos, normas sociais, e atitudes necessárias ao entendimento e funcionamento de tarefas financeiras vitais.

De acordo com Braunstein e Walch, atualmente existem evidências de que o cliente com menos conhecimento financeiro é o mais exposto aos riscos do mercado e que a má administração do dinheiro leva os consumidores vulneráveis a crises financeiras mais profundas (2002).

Conforme destaca Santos (2015), os resultados da pesquisa elaborada pela autora demonstraram evidências de que o conhecimento financeiro tem importância nas decisões de endividamento, investimento e na tolerância ao risco. Em sua pesquisa, a autora estuda a relação das emoções com as decisões financeiras. As emoções afetivas positivas mostraram relação positiva com a tolerância ao risco. Por outro lado, as emoções de efetividade negativa sugerem maior precaução na hora de investir, levando as pessoas a investimentos tradicionais, como poupança e títulos de capitalização.

Segundo Domingos (2013), a educação financeira é um conhecimento que possibilita o consumo consciente e a oportunidade de poupar com finalidades preestabelecidas. É um tema comportamental de como utilizar o dinheiro que entra e o dinheiro que sai. Ainda de acordo com o mesmo, quando o indivíduo aplica somente pelo desejo de aplicar, há uma maior tendência de que este dinheiro em um determinado momento será gasto sem qualquer critério.

Em conformidade com os dados da CNDL (Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas), obtidas por meio de uma pesquisa publicada em 2018, 45% (quarenta e cinco por cento) dos brasileiros não controlam as próprias finanças. De acordo com a CNDL, “de modo geral, 51% dos consumidores avaliam ter um grau ótimo ou bom para gerenciar seu dinheiro e 48% consideram esse conhecimento ruim ou regular. Além disso, três em cada dez (31%) brasileiros admitem insegurança para gerenciar o próprio dinheiro, contra 46% que se consideram seguros”.

A pesquisa da CNDL conclui afirmando que os dados por ela coletados demonstram que quase metade dos brasileiros não faz seu orçamento e grande parte dos que fazem revelam grande dificuldade em realizar seu controle orçamentário de forma correta.

A importância do tema educação financeira é destacada no Relatório do Banco Mundial publicado em 2014 (World Bank, 2014) o qual indica que a falta de conhecimento financeiro pode ser uma barreira para o acesso financeiro entre os pobres, apontando a educação financeira como a melhor opção política para melhorar o acesso dos indivíduos de baixa renda ao financiamento (apud Potrich, Vieira e Kirch, 2015).

Iniciativas para melhorias do conhecimento financeiro da população de baixa renda poderiam, inclusive, contribuir para o mercado das micro-finanças, dado que empreendedores informais teriam melhores noções sobre as questões financeiras do seu negócio e melhor compreensão dos benefícios e consequências do financiamento obtido (Potrich, Vieira e Kirch, 2015).

A respeito do nível de educação financeira no Brasil, de acordo com matéria publicada por Abreu (2013), para Gustavo Cerbasi, a população em geral tem um conhecimento insuficiente para a sobrevivência financeira. Ainda segundo o mesmo, a ignorância de conceitos financeiros é um traço cultural dos brasileiros.

Ainda sobre pesquisas relacionadas à educação financeira no Brasil, Vieira et al (2011), concluem que a formação acadêmica contribui para a melhor tomada de decisões de investimento e poupança dos indivíduos, entre outros fatores.

Robb, Babiarz e Woodyard (2012) estabelecem uma diferença conceitual entre educação financeira e alfabetização financeira. De acordo com os autores, alfabetização financeira envolve a capacidade de compreender a informação financeira e tomar decisões eficazes utilizando essa informação, enquanto educação financeira é recordar um conjunto de fatos, ou seja, o conhecimento financeiro (apud Potrich, Vieira e Kirch, 2015). O foco principal da educação financeira é o conhecimento, enquanto a alfabetização financeira envolve, além do conhecimento, o comportamento e a atitude financeira dos indivíduos.

Potrich, Vieira e Kirch (2015), pesquisam e analisam, no contexto brasileiro, a influência de variáveis sócio-econômicas e demográficas como determinantes do nível de alfabetização financeira. Os autores, para sustentar a pesquisa, identificaram grupos de baixo nível de alfabetização financeira e grupos de alto nível de alfabetização financeira.

Na sua pesquisa, os autores adotam a definição de alfabetização financeira como uma combinação do comportamento financeiro, do conhecimento financeiro e da atitude financeira.

Nas considerações finais da sua pesquisa, os autores relatam que os resultados daquele trabalho sugerem que o grupo com menor nível de alfabetização financeira se caracteriza como aquele com indivíduos pertencentes ao gênero feminino, com dependentes e níveis mais baixos de escolaridade e renda (Potrich, Vieira e Kirch, 2015).

Ainda conforme os autores, a partir do conhecimento do perfil de alfabetização financeira da sua carteira de clientes, as instituições financeiras podem estabelecer estratégias de ampliação do nível de alfabetização de grupos específicos, uma vez que clientes mais alfabetizados provavelmente demandarão produtos financeiros mais elaborados.

2.2.Risco

Assaf Neto (2008) afirma que as decisões financeiras quase nunca são tomadas em um ambiente de total certeza em relação aos seus resultados. Ainda de acordo com Assaf Neto, por estarem essas decisões voltadas para o futuro, é importante que se introduza a variável incerteza no estudo das operações financeiras. Em verdade, conclui o autor, o risco é interpretado pelo nível de incerteza associado a um acontecimento.

Segundo o autor Lemgruber (2001), qualquer medida numérica da incerteza associada ao retorno que efetivamente será obtido no final do período pode ser chamada de risco.

Ainda de acordo com os autores Lemgruber e Carvalhal da Silva (2001), o risco está presente em qualquer operação no mercado financeiro. É um conceito “multidimensional” que cobre quatro grandes grupos: risco de mercado, risco operacional, risco de crédito e risco legal.

Conforme Assaf Neto (2008), de uma maneira mais ampla, o risco pode ser entendido como a probabilidade de perda em razão de uma exposição ao mercado. Para o autor, o risco pode ser classificado da seguinte forma: risco de variação das taxas de juros, risco de crédito, risco de mercado, risco operacional, risco de câmbio, risco soberano, risco de liquidez e risco legal. Recordando que nesse trabalho vamos abordar o sentido mais amplo do risco, sem analisar nenhum tipo de risco específico como os citados acima.

Risco também pode ser definido como a possibilidade de prejuízo financeiro ou, mais formalmente, a variabilidade de retorno associado a determinado ativo (Junior, Rigo e Cherobim, 2005). Ainda segundo os autores, incerteza é a situação de dúvida ou insegurança de se obter um resultado, sem forma de quantificar as possibilidades de ocorrência das situações positivas ou negativas. O quanto de risco se vai assumir depende do retorno esperado. Os autores afirmam também que é natural esperar que quanto maior o risco assumido, maior seja o retorno.

Segundo Ross et al (2015) não existe uma definição universalmente aceita de risco. Uma das formas de pensar sobre risco dos retornos sobre ações é estimando o quão dispersa é a distribuição de frequência dos retornos anuais com este tipo de investimento. A dispersão (ou variabilidade) de uma distribuição é uma medida de quanto um retorno específico pode se desviar do retorno médio. Se a distribuição for muito dispersa, os retornos que ainda estão por ocorrer são muito incertos. Por outro lado, numa distribuição em que os retornos

anuais estejam mais concentrados em torno da média, os retornos que estão por vir são menos incertos (Ross et al, 2015). As medidas de risco apresentadas e discutidas pelos autores são o desvio padrão e a variância. Desvio-padrão representa uma medida de variabilidade de uma variável (Flavia Mendes, 2018).

A parte inesperada do retorno, aquela resultante das surpresas, é o verdadeiro risco de um investimento. Afinal se o investidor recebesse o que esperava, não haveria riscos ou incertezas (Ross et al, 2015).

Os autores desmembram o risco em duas componentes de natureza distinta. Eis como são definidos:

- Risco sistemático: um risco sistemático é qualquer risco que influencia um grande número de ativos, cada um em maior ou menor grau;
- Risco não sistemático: é um risco que afeta um único ativo, ou um reduzido número de ativos.

As incertezas sobre variáveis econômicas, como o Produto Interno Bruto do país, as taxas de juros, e a taxa de inflação, são exemplos de riscos sistemáticos (Ross et al, 2015). Essas incertezas afetam quase todos os investimentos, por isso, ainda segundo os autores, o risco sistemático também é denominado de risco de mercado.

Já o risco não sistêmico, é um risco específico de um determinado investimento. Os autores exemplificam: as incertezas relacionadas à operação, vendas e a concorrência de uma determinada empresa em particular, irão afetar o preço de sua ação, mas não o preço das demais (Ross et al, 2015).

2.3.Aversão ao Risco

Segundo entendimento de Grable (2000), a tolerância ao risco financeiro é o máximo de valor de incerteza que alguém se dispõe a aceitar quando está tomando uma decisão financeira dentro da sua vida econômica e social.

A teoria da aversão ao risco é o estudo do comportamento de investidores quando submetidos a situações de incertezas. Tem por base a análise do comportamento das pessoas para perceber como agem frente aos riscos no campo das finanças (Trimpop, 1994).

De acordo com Bodie, Kane e Marcus (2011), a presença de risco indica que existe mais de um resultado possível.

Weston e Brigham (2004) definem aversão ao risco como a situação em que os investidores avessos ao risco requerem taxas de retorno mais altas. Ainda segundo os autores, quanto maior o risco de um título, mais baixo seu preço e maior o retorno exigido pelo investidor.

Por outro lado, quando estiver decidindo entre investimentos alternativos, uma pessoa deve estar atenta aos *trade-offs* entre risco e retorno (Brigham, Gapenski e Ehrhardt, 2001). Os autores afirmam que os desvios-padrão dos retornos passados oferecem informações úteis acerca dos riscos dos diferentes investimentos.

Segundo matéria divulgada no site Toro Radar (2018), em geral, baixos níveis de incerteza (baixo risco) estão associados a baixos retornos e altos níveis de incerteza (alto risco) o estão com altos retornos. Ainda segundo o autor da matéria, o *trade-off* risco/retorno é obtido pelo equilíbrio entre o desejo de menor risco com o de maior retorno.

Em pesquisa realizada pelo Instituto Rosenfield, encomendada pela BM&F Bovespa (atual B3) para entender melhor o perfil do investidor brasileiro, pesquisa esta efetuada no período de agosto a setembro de 2012, um dos resultados encontrados foi que 52,6% dos entrevistados preferem investimentos com baixo risco e baixa rentabilidade e 65,6% tem pouca propensão para investir em ações (apud Abreu, 2013).

Os autores Lima, Galardi e Neubauer (2006) estudaram a existência de fatores relacionados à aversão ao risco. Conforme os autores, idade e constituição de patrimônio são dois destes fatores: pessoas jovens estão mais dispostas a assumirem maiores riscos, buscando maiores retornos, pois dispõem de mais tempo para recuperar eventuais perdas.

Em relação à constituição de patrimônio, afirmam os autores que pessoas de mais idade, com algum patrimônio formado, tendem a optar por investimentos de menor risco. Pessoas de maior idade não teriam tanto tempo para recuperar possíveis perdas em investimentos de maior risco. (Lima, Galardi e Neubauer, 2006).

Lima, Galardi e Neubauer (2006) classificam os investidores em três categoriais em relação à aversão ao risco: conservador, moderado e arrojado. Eis como os autores definem cada uma das categorias:

1. Conservador: prefere a segurança e para isso aceita um retorno menor. Não se sente confortável com a volatilidade de preços e suas reações são mais emocionais do que racionais. Demonstra elevada aversão ao risco.

2. Moderado: aceita certo nível de risco. Procura o balanceamento entre rentabilidade e segurança e está disposto a correr um risco moderado visando um retorno um pouco maior de suas aplicações.
3. Arrojado: aceita elevado nível de risco. Prioriza a rentabilidade, sendo capaz de correr maiores riscos para tentar maximizar o retorno de suas aplicações financeiras.

3. Metodologia

De acordo com Severino (2016) quando se fala de pesquisa quantitativa ou qualitativa, e mesmo quando se fala de metodologia quantitativa ou qualitativa, apesar da liberdade consagrada pelo uso acadêmico, não se está referindo a uma modalidade de metodologia em particular. Daí ser preferível falar-se de abordagem quantitativa, de abordagem qualitativa, pois, com essas designações, cabe referir-se a conjuntos de metodologia. São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa (Severino, 2016).

Nesse sentido a presente pesquisa terá uma abordagem quantitativa, pois é aquela abordagem que traduz em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (Prodanov e Freitas, 2013).

Do ponto de vista dos seus objetivos, a presente pesquisa é uma pesquisa exploratória, a qual busca levantar informações sobre um determinado objeto, mapeando as condições de manifestação desse objeto (Severino, 2016).

Por fim, do ponto de vista de procedimentos técnicos, a presente pesquisa é um levantamento (ou *survey*). Esse tipo de pesquisa ocorre quando envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento desejamos conhecer através de algum questionário (Prodanov e Freitas, 2013).

A pesquisa tipo *survey* caracteriza-se por uma pesquisa de abordagem quantitativa, que tem por objetivo apresentar as opiniões das pessoas por meio de questionários ou de entrevistas (Babbie, 1999).

Ainda segundo o autor, a pesquisa tipo *survey* pode ter três finalidades: exploração, descrição e explicação. No caso da pesquisa de finalidade exploratória, seu objetivo é proporcionar maior conhecimento sobre o problema tornando-o mais explícito (Babbie, 1999).

3.1. População e Amostra

A população estudada consiste em um grupo de 50 pessoas, formado principalmente por estudantes da PUC-Rio, mas também por profissionais de outras áreas de formação. A opção escolhida foi com o objetivo de ter uma amostra abrangente e diversificada. A amostra foi composta por 50 questionários que foram enviados e respondidos em sua totalidade, compreendendo todas as questões nele abordadas.

A faixa etária dos entrevistados do estudo varia de 18 a 60 anos, sendo concentrada entre 19 e 30 anos de idade, compreendendo tanto homens quanto mulheres.

3.2. Coleta de Dados

A técnica de pesquisa empregada foi o questionário.

Questionário é um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações por parte dos sujeitos pesquisados (Severino, 2016). Ainda conforme o autor, as questões devem ser pertinentes ao objeto da pesquisa e devem também ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas.

O questionário aplicado foi de questões fechadas, isto é, aquelas em que as respostas são escolhidas dentre opções predefinidas pelo pesquisador (Severino, 2016).

A pesquisa foi feita utilizando o programa Qualtrics. O questionário contém 14 (quatorze) questões, sendo 2 (duas) questões demográficas (gênero e idade) apenas para identificar o entrevistado, 7 (sete) de educação financeira e 5 (cinco) sobre risco. As perguntas demográficas foram feitas de modo superficial apenas para mensurar a idade média e o gênero dos participantes.

Em relação ao questionário utilizado, foram coletadas questões aplicadas em outras pesquisas: “Medindo a Tolerância ao Risco: Desenvolvimento e Validação de um Instrumento de Medida e a Influência das Variáveis Demográficas”, de Alexandre Majola Gava; e Kelmara Mendes Vieira, publicado no 30º encontro ANPAD 2006; e ainda na monografia sobre Educação Financeira dos Universitários das autoras Jomara Oliveira e Selma Eduarda (2014), ex- alunas do curso de Ciências Contábeis da Universidade UMC.

Vale ressaltar que as informações adquiridas pelo questionário contemplam questões que foram totalmente respondidas pelo link enviado pelo autor da monografia através do software Qualtrics, entre os dias 07 de maio de 2018 e 15 de maio de 2018.

O questionário usado para a coleta dos dados se encontra no Anexo 1.

3.3.Tratamento dos Dados Coletados

Através das respostas coletadas dos entrevistados, as questões foram subdivididas em dois grupos: um grupo de questões relacionadas ao tema educação financeira, e outro grupo de questões relacionadas ao tema aversão a risco.

Em cada uma das questões relacionadas ao tema educação financeira, cada resposta foi classificada de acordo com as categorias sugeridas por Potrich, Vieira e Kirch (2014) para alfabetização financeira: alta, média e baixa.

Por sua vez, em cada uma das questões relacionadas ao tema aversão ao risco, cada resposta foi classificada, de acordo as categorias definidas por Lima, Galardi e Neubauer (2006): conservador, moderado e arrojado.

Na sequência, a classificação do perfil do entrevistado foi obtida através das categorias mais recorrentes nas respostas. Por exemplo: para as sete questões de educação financeira, se quatro ou mais respostas tiverem sido classificadas na categoria “alta educação financeira”, então o entrevistado foi classificado nesta categoria. O mesmo foi observado quanto ao quesito aversão ao risco. Por exemplo, se das cinco questões de aversão ao risco, três respostas tiverem sido classificadas na categoria “conservador”, então o entrevistado foi classificado como conservador.

Em resumo, há três categorias de aversão a risco, adotadas nesta pesquisa, conforme referencial teórico já mencionado, e há três categorias de educação financeira, adotadas nesta pesquisa de acordo com referencial teórico também já mencionado. A um determinado indivíduo, com base no seu questionário, foi atribuída uma categoria de aversão a risco, e uma categoria de educação financeira.

Dessa forma, é importante observar que os nove possíveis perfis obtidos conforme ilustra a Figura 1 – Tipos de Perfis de Investidor resultam da mera combinação dos dois tipos de categoria, isto é, para um indivíduo de aversão a risco moderada, há três possibilidades de categoria de educação financeira e assim por diante. Os nove perfis não são, portanto, criação do autor da pesquisa, nem foram pesquisados na literatura. Mas são o resultado de possíveis pares de cada um dos dois grupos de categoria, estes sim provenientes da literatura sobre o tema.

	Educação Financeira de acordo com Potrich, Vieira e Kirch	Aversão ao Risco de acordo com Lima, Galardi e Neubauer
1	Alta	Conservador
2	Alta	Moderada
3	Alta	Arrojado
4	Moderado	Conservador
5	Moderado	Moderada
6	Moderado	Arrojado
7	Baixa	Conservador
8	Baixa	Moderada
9	Baixa	Arrojado

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura1: Tipos de Perfis de Investidor

3.4.Limitações do Método Utilizado

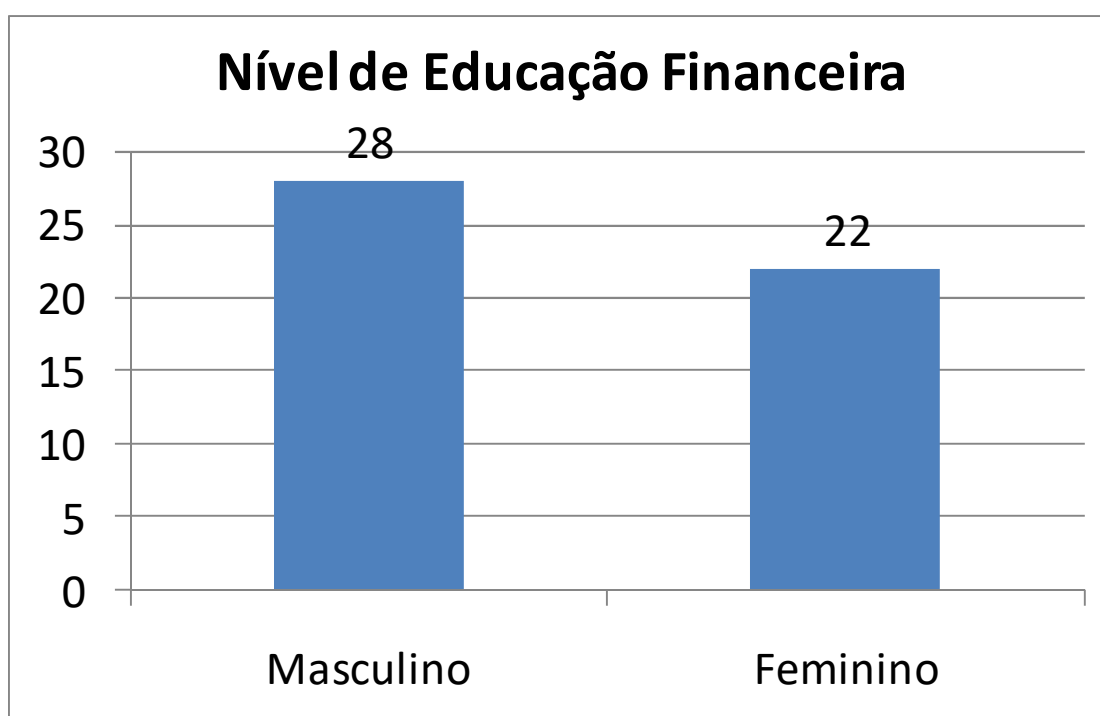
Esta pesquisa apresenta algumas limitações que serão apresentadas. Essas limitações devem ser levadas em consideração quando os resultados da pesquisa forem apresentados. As conclusões aqui apresentadas não são, portanto, necessariamente verdades absolutas. Estudos futuros poderão trabalhar no sentido de diminuir as limitações aqui apresentadas de modo com que as conclusões sejam mais assertivas.

Uma das limitações é o tamanho da amostra coletada. Estatisticamente falando, talvez os resultados tivessem sido mais assertivos com uma amostra maior. No entanto, isso não invalida os resultados obtidos, pois quando a partir de uma amostragem ou de um caso particular fazem-se generalizações, não se tem a certeza de ocorrência de tal fenômeno, mas tem-se a sua probabilidade de ocorrência (Santos e Parra, 2012).

4. Apresentação e análise dos resultados

4.1.Características da amostra estudada

Conforme demonstra a figura 1 (um) abaixo, e também considerando as 50 (cinquenta) respostas elaboradas pelos entrevistados, 56% do total, que corresponde a 28 (vinte e oito) entrevistados, são homens, enquanto as mulheres representam 44% da amostra pesquisada, que corresponde a 22 (vinte e dois) entrevistados.



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 2: Gênero dos participantes da pesquisa

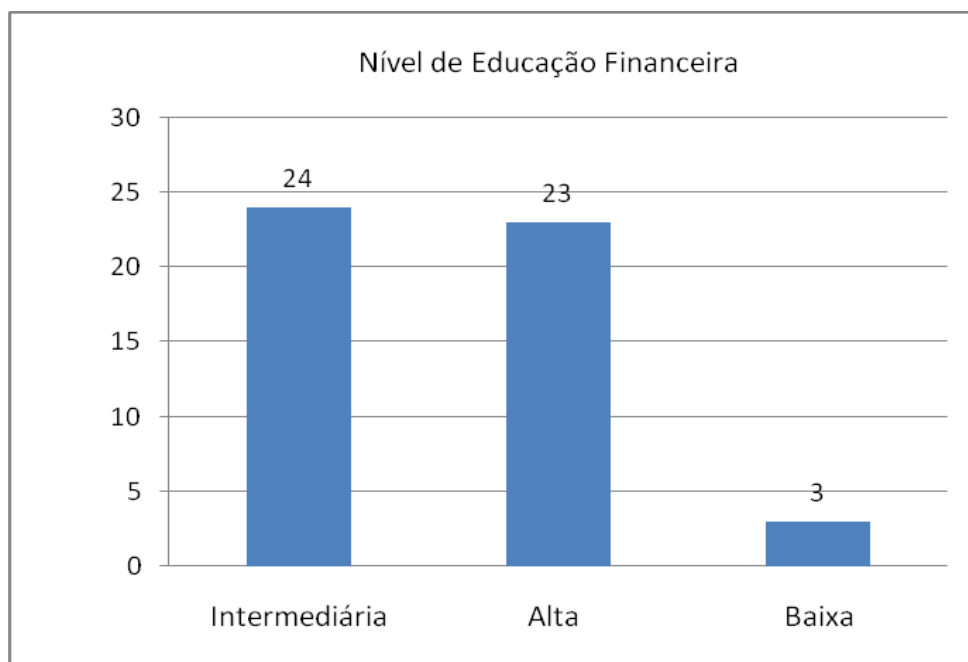
4.2. Nível de Educação Financeira Geral

De acordo com os dados retirados da pesquisa, é possível observar que, analisadas as respostas de 50 (cinquenta) pessoas, 23 (vinte e três) delas, que correspondem a 46% do total, possuem nível de educação financeira alta, enquanto 24 (vinte e quatro) pessoas, que correspondem a 48%, possuem educação financeira intermediária, e, por fim, apenas 3 (três) pessoas, que correspondem a 6%, possuem nível de educação financeira baixa.

O resultado da amostra demonstra claramente que apenas um percentual muito pequeno das pessoas estudadas possui um nível de educação financeira baixa, sendo também o percentual de pessoas com nível alto e intermediário muito semelhante.

Pode-se observar que, a partir dos critérios estabelecidos na presente pesquisa para classificar os níveis de educação financeira, a quantidade de pessoas que podem ser consideradas completamente leigas em relação à educação financeira é insignificante, bem como a grande maioria delas possui ao menos conhecimentos básicos sobre o tema analisado.

A imagem abaixo ilustra a representatividade da amostra analisada.

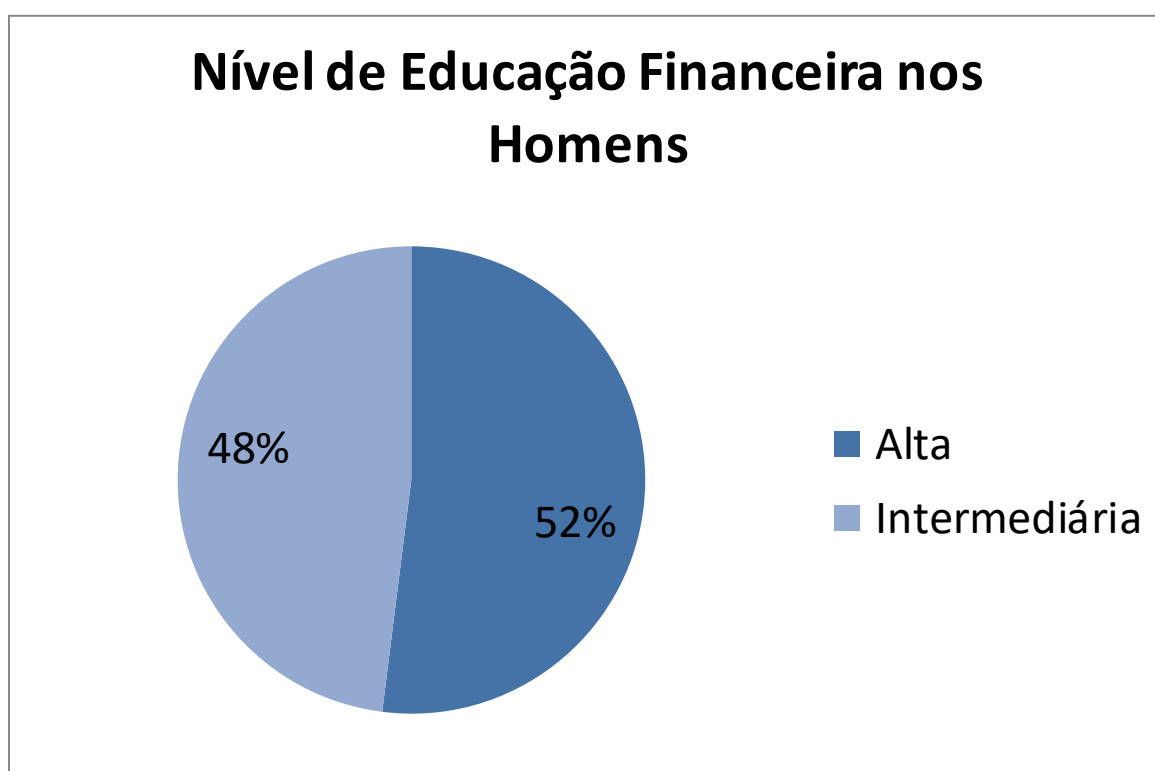


Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 3: Nível de Educação Financeira geral dos participantes da pesquisa

4.2.1 Classificação por Homens

Segundo a ilustração apresentada abaixo e conforme os resultados da pesquisa aqui realizada, dentre os 25 (vinte e cinco) entrevistados do sexo masculino foi observado que 13 (treze) deles, que correspondem a 52% (cinquenta e dois por cento) da amostra, possuem alto nível de educação financeira, enquanto 12 (doze) homens, que correspondem a 48% (quarenta e oito por cento) do total demonstraram possuir nível intermediário e que, de acordo com os critérios utilizados na pesquisa, não foi identificado nenhum homem com baixo nível de educação financeira.



Fonte: Elaborado pelo autor

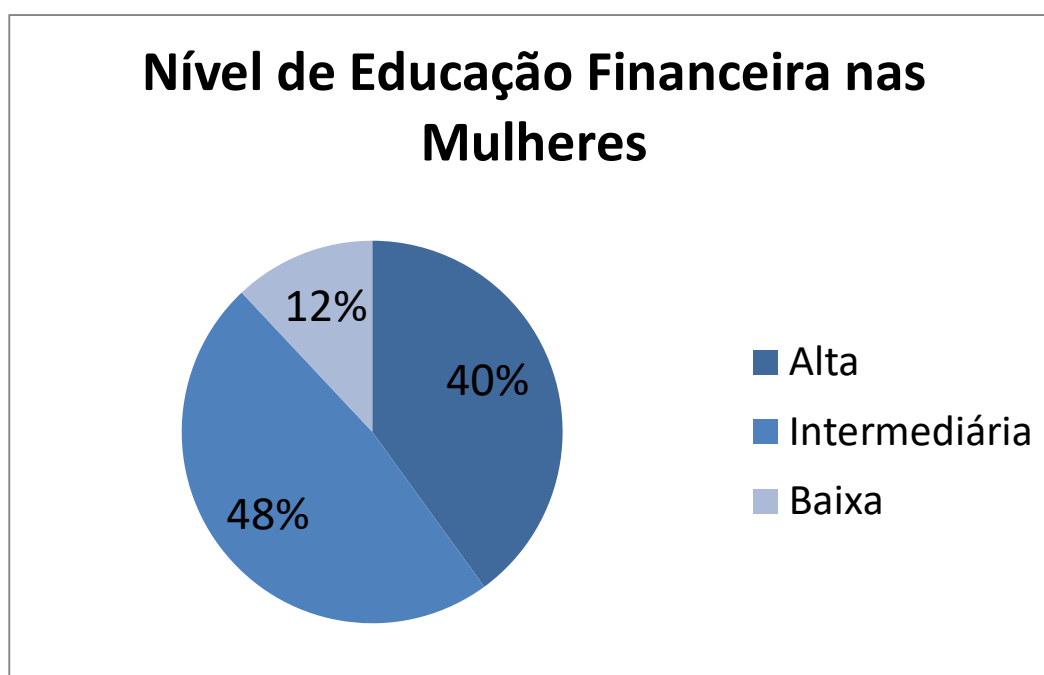
Figura 4: Nível de Educação Financeira nos homens participantes da pesquisa

4.2.2 Classificação por Mulheres

Verifica-se em relação às mulheres que o nível de educação financeira se encontra em situação diferente da dos homens. Embora a maioria da amostra das mulheres também esteja classificada em alta e intermediária, existe um percentual de 12% (doze por cento) de mulheres que possuem nível baixo de educação financeira. Observa-se também que, enquanto o número mais expressivo de respondentes do sexo masculino corresponde a níveis elevados de educação financeira, atingindo o patamar de 52% (cinquenta e dois por cento) da amostra total. Nas mulheres a maior porcentagem é a de nível intermediário com 48% (quarenta e oito por cento) e logo depois a alta com 40% (quarenta por cento).

Portanto, dentro das limitações desse estudo, é possível afirmar que os homens estão sendo apontados como aqueles com maior educação financeira.

O gráfico abaixo ilustra a relação das mulheres.



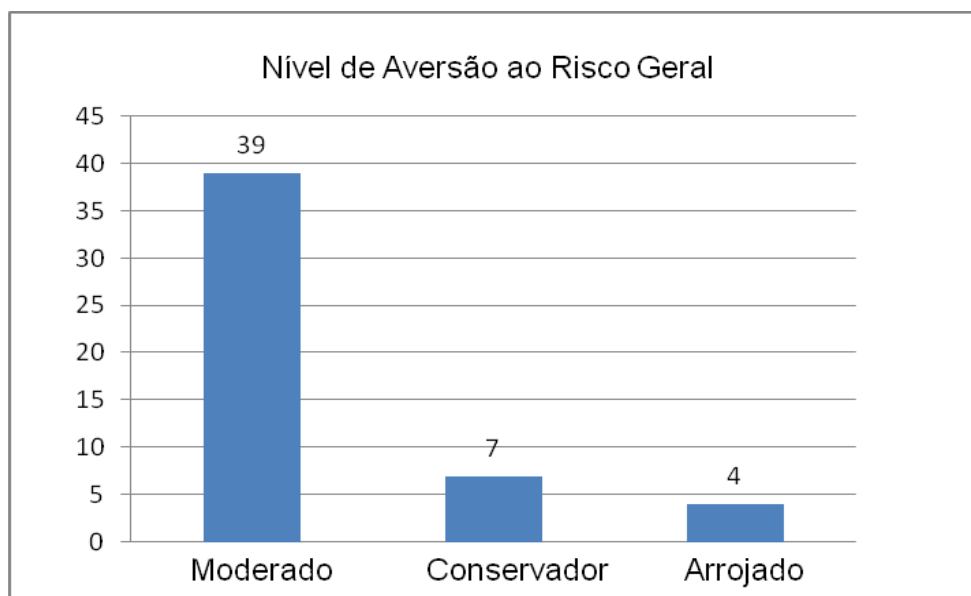
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 5: Nível de Educação Financeira nas mulheres participantes da pesquisa

4.3. Nível de Aversão ao Risco Geral

Conforme os resultados da pesquisa realizada, foi possível constatar que dentre os 50 (cinquenta) questionários analisados, quase 80% (oitenta por cento) da amostra apresentou perfil moderado em relação à aversão ao risco, 14% (quatorze por cento) apresentou perfil conservador e somente 8% (oito por cento) apresentou perfil arrojado.

A figura abaixo ilustra a representação descrita no primeiro parágrafo.



Fonte: Elaborado pelo autor

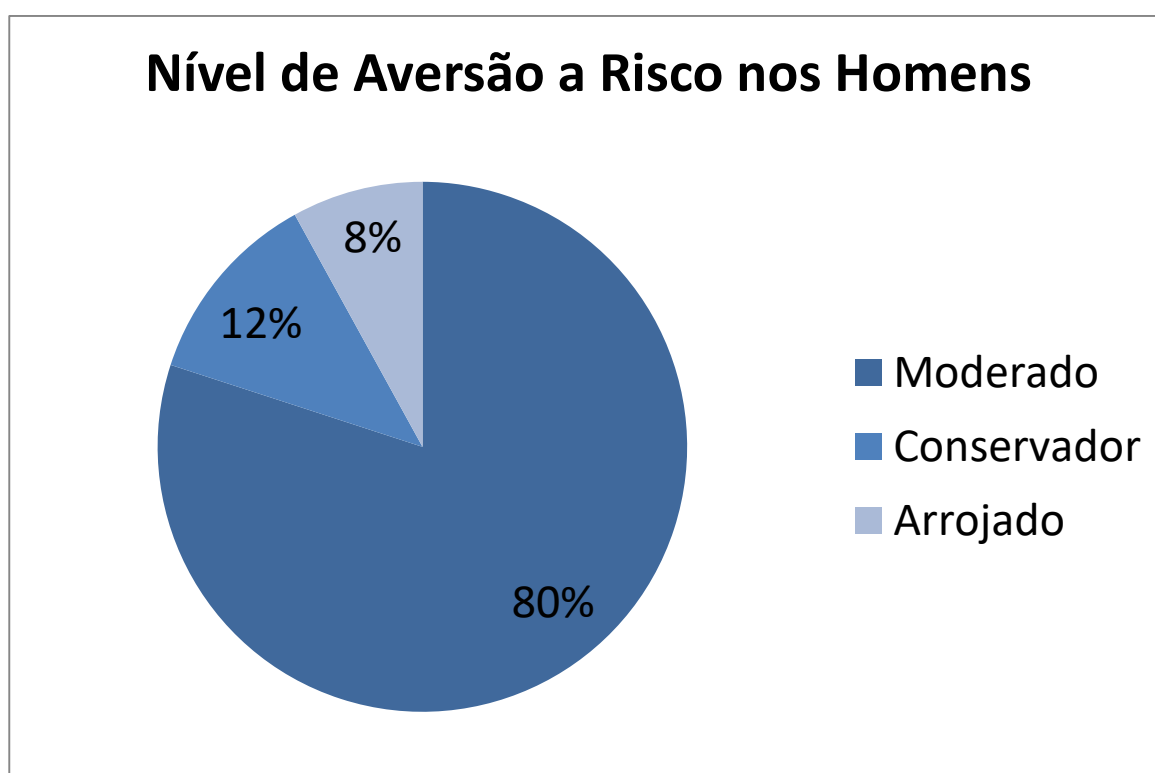
Figura 6: Nível de Aversão ao Risco geral dos participantes da pesquisa

4.3.1 Classificação por Homens

Nota-se que a grande maioria dos homens se encontra no nível moderado de aversão ao risco (80%). Isso significa que, em relação a essas pessoas, podemos afirmar que há um padrão de não adotarem medidas drásticas em nenhum dos extremos (conservador e arrojado) no momento de optar por aportar seus recursos em ativos financeiros.

Em seguida, os números reportam que 12% dos homens adotam uma postura arrojada quando investem seus recursos. Isso demonstra que há uma quantidade considerável de investidores que almejam uma rentabilidade mais expressiva, em troca do risco a que estão submetidos. Esse número, apesar de significativamente menor do que o relativo aos homens moderados, ainda se destaca quando comparados ao percentual de homens com o perfil conservador.

Os homens com o perfil conservador representam apenas 8% da amostra que ora se analisa. Assim, pode-se concluir que os índices de conservadorismo estão abaixo dos demais.



Fonte: Elaborado pelo autor

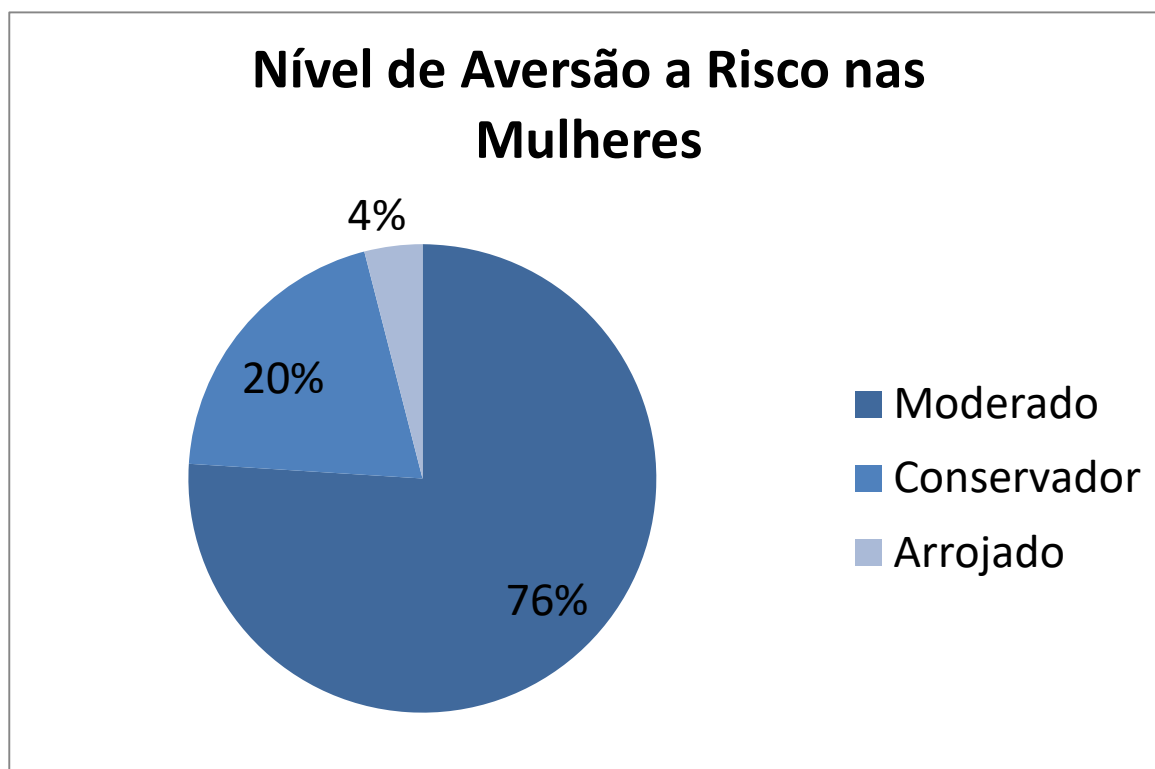
Figura 7: Nível de Aversão ao Risco nos homens participantes da pesquisa

4.3.2 Classificação por Mulheres

O estudo relacionado às mulheres demonstra, primeiramente, que assim como no caso dos homens, a porcentagem relacionada à quantidade de pessoas com aversão moderada de risco é muito maior quando comparada aos conservadores e arrojados, representando 76% (setenta e seis por cento) do total de pessoas estudadas.

Outro ponto a ser observado é que o percentual de mulheres com aversão a risco mais elevada, e que por isso adotam posturas mais conservadoras representam 20% (vinte por cento) do total analisado, percentual muito superior ao constatados nos homens.

Por fim, cumpre ressaltar que a quantidade de homens com o perfil arrojado é três vezes maior que a quantidade de mulheres com o mesmo perfil, sendo o primeiro de 12% (doze por cento) e o segundo de 4% (quatro por cento).



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 8: Nível de Aversão ao Risco nas mulheres participantes da pesquisa

4.4.Classificação Geral

A partir dos resultados obtidos, pode-se observar que os perfis que mais aparecem são o de alta educação financeira e moderada aversão a risco representando 42% (quarenta e dois por cento) da amostra e o de intermediária educação financeira e moderada aversão a risco, representando 34% (trinta e quatro por cento) da amostra estudada.

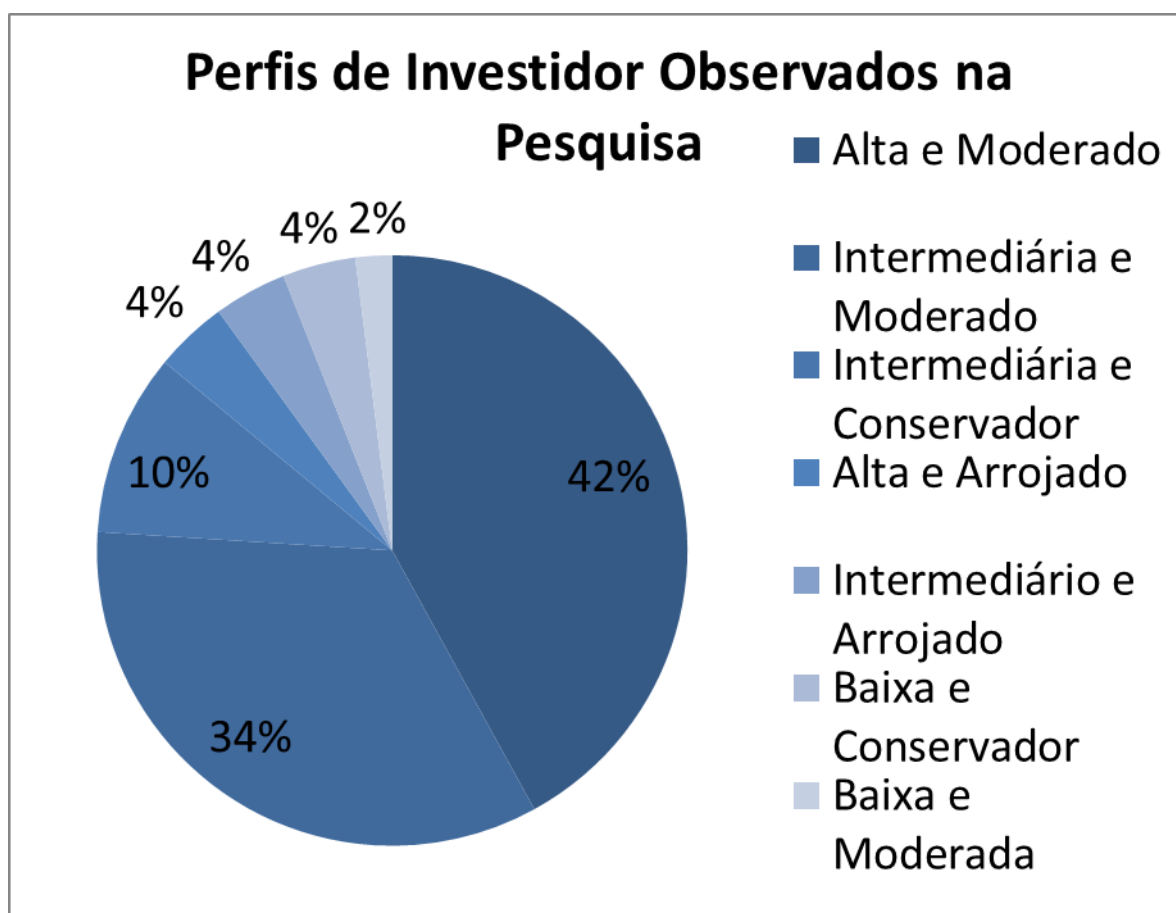
Os resultados sugerem que pessoas com nível de educação financeira intermediária e alta possuem grande probabilidade de apresentarem aversão a risco moderada. Isso parece indicar que pessoas com bons níveis de educação financeira não se posicionam em nenhum extremo nos perfis de aversão a risco, não sendo em sua maioria nem conservadoras nem arrojadas.

Constatamos também pela observação dos resultados que perfis arrojados de aversão a risco, independentemente do nível de educação financeira, tiveram participação muito pouco expressiva nos resultados, apenas 8% (oito por cento). Esse resultado de certo modo também corrobora o resultado de pesquisas anteriores, tal qual a do Instituto Rosenfield, mencionado no item 2.3 desta monografia, de que os investidores brasileiros preferem investimentos com baixo risco e baixa rentabilidade (apud, ABREU, 2013).

A figura 8 abaixo demonstra claramente as proporções mencionadas nos dois primeiros parágrafos.

Vale frisar também que dentre os 9 (nove) possíveis tipos de perfis de investidor, apenas 2 (dois) não foram encontrados no estudo realizado, o perfil alta educação financeira e conservador quanto a aversão ao risco e o perfil baixa educação financeira e arrojado quanto a aversão ao risco.

Devemos lembrar ainda, conforme mencionado no capítulo 3 (três) de metodologia, que os resultados obtidos por essa pesquisa não têm caráter absolutamente assertivo, considerando-se as limitações descritas anteriormente.



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 9: Perfis de Investidor Observados na Pesquisa

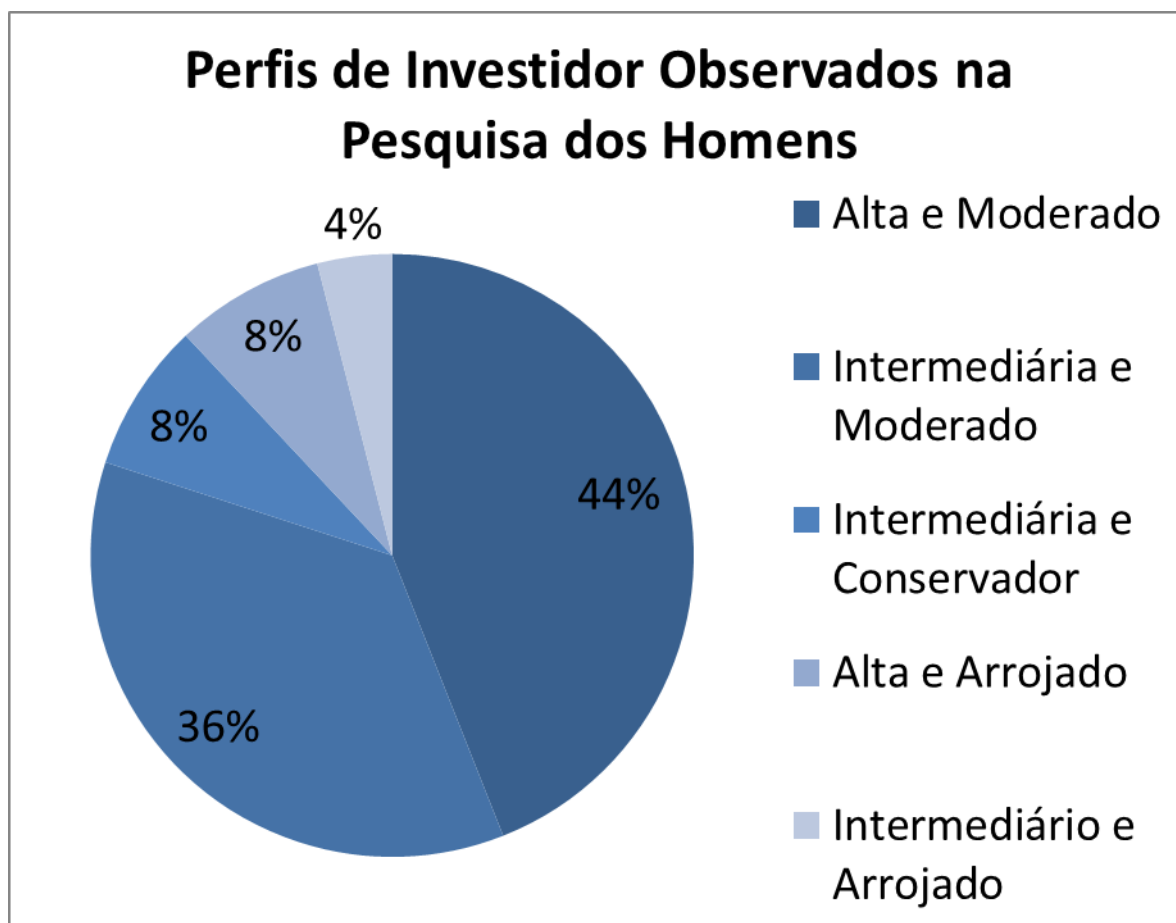
4.4.1 Classificação por Homens

Relativamente aos resultados alcançados na classificação por homens, constata-se que 80% (oitenta por cento) da população estudada estão dentro do perfil de alta educação financeira e perfil moderado para aversão ao risco, representando 44% (quarenta e quatro por cento) e 36% (trinta e seis por cento) sendo intermediária educação financeira e perfil moderado de aversão ao risco.

Dentro de todas as possibilidades de perfis possíveis, percebe-se que o indivíduo do sexo masculino possui menos diversidade, das 9 (nove) possíveis combinações, são apresentadas apenas 5 (cinco) delas, enquanto nas mulheres apresentam-se 6 (seis), conforme iremos analisar posteriormente.

Como mencionado anteriormente, nota-se também que dentro das limitações da obra, não se encontra nenhum indivíduo com a educação financeira baixa,

A figura abaixo ilustra o abordado no texto anteriormente descrito.



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 10: Perfis de Investidor Observados na Pesquisa dos Homens

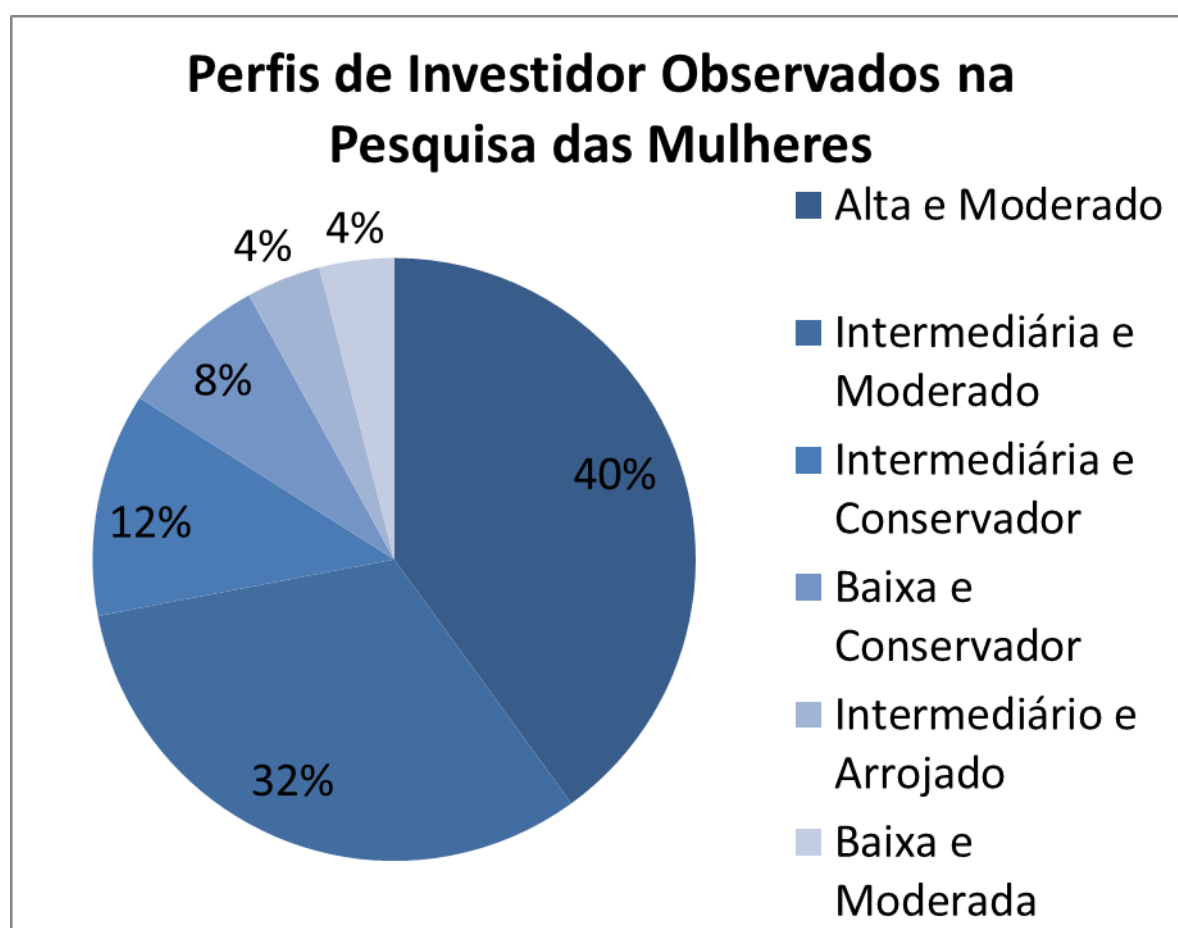
4.4.2 Classificação por Mulheres

Observa-se que nos resultados obtidos na classificação por mulheres, as mesmas possuem mais quantidade de perfis de investidor quando comparado ao dos homens. Nas mulheres percebe-se 6 (seis) perfis e nos homens 5 (cinco).

Nota-se também que os dois perfis mais representativos na classificação das mulheres é também o mesmo nos homens. O de alta educação financeira e perfil moderado para aversão ao risco, representando 40% (quarenta por cento) e 32% (trinta e dois por cento) sendo intermediária educação financeira e perfil moderado de aversão ao risco. Totalizando como 72% (setenta e dois por cento) da amostra total das mulheres e nos homens 80% (oitenta por cento).

Verifica-se também, embora pouco representativo, que há mulheres analisadas com o perfil de baixa educação financeira, perfil esse não encontrado na classificação por homens. Nesse quesito, encontram-se dois perfis, o de baixa educação financeira e conservadora aversão ao risco e a baixa educação financeira e moderada aversão ao risco, representando um total de 8% (oito por cento) nos dois perfis, sendo igualmente dividido em 4% (quatro por cento) para cada um.

A imagem a seguir demonstra o tratado previamente.



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 11: Perfis de Investidor Observados na Pesquisa das Mulheres

5. Conclusões E Recomendações Para Novos Estudos

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer a relação entre o nível de educação financeira e o nível de aversão ao risco, no âmbito do investimento financeiro da pessoa física.

Para tal, foi usada uma amostra de 50 (cinquenta) pessoas entrevistadas, constituída predominantemente por estudantes da PUC-Rio no período do segundo de semestre de 2018 com a idade majoritariamente entre 19 (dezenove) e 30 (trinta) anos, conforme descrito em mais detalhes no capítulo sobre metodologia.

Dentro dos limites da pesquisa, conforme descrito em capítulo anterior é possível observar que os perfis mais comuns são o de alta educação financeira e moderada aversão ao risco, representando 42% (quarenta e dois por cento) da amostra, e o de intermediária (média) educação financeira e moderada aversão a risco, representando 34% (trinta e quatro por cento) da amostra estudada.

Os dois perfis juntos, somando quase 80% (oitenta por cento) da amostra sugerem que pessoas com nível de educação financeira intermediária (média) ou alta tendem a ter um perfil moderado de aversão ao risco.

Foi constatado também pela observação dos resultados que perfis arrojados de aversão ao risco, independentemente do nível de educação financeira, tiveram participação muito pouco expressiva nos resultados, representando apenas 8% (oito por cento) da amostra.

O resultado do parágrafo anterior parece confirmar uma constatação de estudo relatada no capítulo sobre revisão da literatura, conforme pesquisa realizada pelo Instituto Rosenfield sobre encomenda da B3 para se conhecer o perfil investidor brasileiro, 52% (cinquenta e dois por cento) dos entrevistados preferem investimentos com baixo risco e baixa rentabilidade (apud ABREU, 2013).

Embora os dados aqui apresentados não necessariamente representem a realidade, foi observado também que das 9 (nove) possíveis combinações de perfis, 2 (duas) não foram encontradas na amostra, que são o de alta educação financeira e conservadora aversão ao risco e o de baixa educação financeira e arrojada aversão ao risco. Esta constatação sugere que quando uma pessoa se posiciona em um dos extremos de uma das categorias aqui apresentadas, a probabilidade de ela se posicionar no extremo da outra categoria é muito pequena. Para se ter uma maior assertividade em relação a essa afirmação uma amostra maior seria necessária.

Outro fator interessante é que na classificação dos homens foram encontrados 5 (cinco) perfis diferentes e na das mulheres 6 (seis). Nas mulheres, conforme descrito anteriormente foram observadas entrevistadas classificadas com baixa educação financeira, e esse perfil não foi encontrado nas pessoas do sexo masculino.

Aqui, uma vez mais, os resultados dessa pesquisa parecem corroborar, em parte, indicações de pesquisas anteriores comentadas na revisão de literatura. Nesse caso, o trabalho de Potrich, Vieira e Kirch (2015) encontrou evidências que o grupo de menor nível de alfabetização financeira se caracteriza como aquele com indivíduos pertencentes ao gênero feminino. Cabe aqui a ressalva, que os autores estudaram alfabetização financeira, no entanto, o conceito guarda similaridade com o de educação financeira.

Em resumo, os principais resultados encontrados foram os seguintes:

- Indivíduos com educação financeira alta ou média parecem ter perfil moderado de aversão a risco;
- Independentemente do grau de educação financeira, ou seja, qualquer que seja o seu grau, os resultados sugerem que o perfil arrojado de aversão a risco não tem uma participação significativa.

Dentro do objetivo proposto pela pesquisa, e considerando os principais resultados encontrados, conclui-se que, para o grupo estudado, as indicações de que o grau de educação financeira afeta o perfil de aversão a risco: o indivíduo que detém grau médio ou alto de educação financeira optaria pelo perfil moderado de aversão a risco, ou seja, um perfil intermediário de aversão a risco. Por todos os benefícios trazidos pela educação financeira, conforme apresentado na revisão de literatura, é possível que, ao deter maior conhecimento desta matéria, o investidor sinta-se seguro para assumir algum nível de risco, um nível intermediário.

Por outro lado, ainda que detenha níveis mais elevados de educação financeira, este mesmo investidor, em geral, resistiria a assumir um perfil mais arrojado, talvez pela influência da ação de outras variáveis sobre sua aversão ao risco, pois, conforme estudado na revisão de literatura, a diversos outros fatores que afetam a aversão a risco, embora eles não tenham sido objeto de estudo nessa pesquisa.

Contudo, é importante ressaltar as limitações dessa pesquisa. O grupo cujos questionários foram analisados foi formado majoritariamente por estudantes, isto é, um grupo de perfil jovem e de instrução relativamente elevada (universitários). Não se deve, portanto, universalizar as conclusões da pesquisa, pois talvez elas sejam circunscritas a um grupo com esse perfil.

Outra limitação mais relevante dentre aquelas descritas no capítulo 1.3 é relativa ao tamanho da amostra. Para as conclusões ganharem maior respaldo estatístico talvez fosse preciso aplicar a metodologia com o emprego de uma amostra de tamanho superior.

Assim, como sugestão para o desenvolvimento de futuros estudos neste mesmo campo de conhecimento, a presente pesquisa poderia ser refeita com a utilização de uma amostra maior e ainda ser aplicada sobre grupos de perfis distintos (indivíduos de meia idade ou idosos, ou indivíduos sem formação universitária). Dessa forma, as conclusões aqui apresentadas poderiam ou não vir a ser confirmadas, e além disso, poderia-se investigar se as conclusões mudariam de acordo com o perfil do grupo sobre o qual a pesquisa foi aplicada.

6. Referências Bibliográficas

ABREU, Isabella. **Falta de Educação Financeira**. Revista RI, São Paulo, abril 2013.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado Financeiro**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de survey**. 1 ed. Belo Horizonte: Edições UFMG, 1999.

BODIE, Zvi, MARCUS, Alan, KANE, Alex. **Investment and Portfolio Management**. 9th ed. New York: McGraw-Hill/Irwin, 2011.

BRAUNSTEIN, Sandra F., WELCH, Carolyn. **Financial literacy: An overview of practice, research, and policy**. Fed. Res. Bull, v. 88, 2002.

BRIGHAM, Eugene F., GAPENSKI, Louis. C., EHRHARDT, Michael. C. **Administração Financeira: Teoria e Prática**. São Paulo: Atlas, 2001.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS. **45% dos brasileiros não controlam as próprias finanças, mostra pesquisa sobre educação financeira do SPC Brasil e CNDL**. Publicado em: 29/01/2018. Disponível em: <<http://site.cndl.org.br/45-dos-brasileiros-nao-controlam-as-proprias-financas-mostra-pesquisa-sobre-educacao-financeira-do-spc-brasil-e-cndl/>> Acesso em 15 de maio de 2018.

DOMINGOS, Reinaldo. **Ter Dinheiro Não Tem Segredo**. DSOP Educação Financeira LTDA, 2013. Publicado em 18 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.dsop.com.br/artigos/2013/07/ter-dinheiro-nao-tem-segredo/>> Acesso em 04 de Abril de 2018.

DOMINGOS, Reinaldo. **O que é educação financeira?** Publicado em 29 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.dsop.com.br/artigos/2013/01/o-que-e-educacao-financeira/>> Acesso em 25 de abril de 2018.

GAVA, Alexandre. M., VIEIRA, Kelmara. M. Medindo a Tolerância ao Risco: Desenvolvimento e Validação de um Instrumento de Medida a Influência das Variáveis Demográficas. **30º Encontro da ANPAD**. Salvador. 2006.

GITMAN, Lawrence. J. **Princípios de Administração Financeira**. São Paulo: Pearson, 2004.

GRABLE, John. E. **Financial Risk Tolerance and Additional Factors that Affect Risk Taking in Everyday Money Matters**. *Journal of Business And Psychology*, v. 14 (4), Summer. 2000.

JACOB, Katy. et al. **Tools for survival: An analysis of financial literacy programs fo lowerincome families**. Chicago: Woodstock Institute, 2000.

JUNIOR, Antonio Barbosa Lemes, RIGO, Claudio Miessa, CHEROBIM, Ana Paula. **Administração Financeira: Princípios, Fundamentos e Práticas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

LEMGRUBER, Eduardo Facó, DA SILVA, André Luiz Carvalhal, LEAL, Ricardo Pereira Câmara, DA COSTA JUNIOR, Newton Carneiro Affonso. **Gestão De Risco E Derivativos: Aplicações No Brasil**. São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, Iran Siqueira, GALARDI, Ney, NEUBAUER, Ingrid. **Fundamentos dos Investimentos Financeiros**. São Paulo: Atlas, 2006.

MANKIW, N. Gregory. **Introdução à economia: princípios de micro e macroeconomia**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MENDES, Flávia Cezar Teixeira. **Probabilidade para Engenharias**, Ed LTC, Rio de Janeiro, 2018.

OCDE. Financial Literacy and Consumer protection: Overlooked Aspects of the Crisis. OCDE Recommendation on good practices on financial education and awareness relating to credit. 2009.

OLIVEIRA, J; EDUARDA, S. **Educação Financeira dos Universitários**. Mogi das Cruzes. 2014. Monografia – Departamento de Ciências Contábeis da Universidade UMC.

PERETTI, Luiz Carlos. **Educação Financeira - Aprenda a Cuidar do seu Dinheiro**. 2008.

POTRICH, Ani Caroline Grigion, VIEIRA, Kelmara Mendes, KIRCH, Guilherme. Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**. vol. 26 no.69 São Paulo Sept./Dec. 2015

PRODANOV, Cleber Cristiano, FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Nova Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSS, Stephen A., WESTERFIELD, Randolph W., JAFFE, Jeffrey F, LAMB, Roberto. **Administração Financeira**. São Paulo: AMGH Editora, 2015.

SANTOS, João Almeida, PARRA FILHO, Domingos. **Metodologia Científica**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SANTOS, Liana Ribeiro dos. **O Conhecimento financeiro e sua relação com a tolerância ao risco e com as decisões de endividamento e investimento**. Rio de Janeiro. 2013. Dissertação (Mestrado em Administração) – Departamento de Administração: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

Toro Radar. **Conceitos Financeiros: Trade-off Risco/Retorno**. Disponível em <<https://www.tororadar.com.br/investimento/bovespa/conceitos-financeiros>>. Acesso em: 23 de Junho de 2018.

TRIMPOP, Rudiger M. **The Psychology Os Risk Taking Behavior**. New York: Elsevier, 1994.

VIEIRA, Armancio, BATAGLIA, Regiane Tardiolle Manfre, SEREIA, Vanderlei José. Educação Financeira e Decisões de Consumo, Investimento e Poupança: uma análise dos alunos de uma Universidade Pública do Norte do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**, v.9, n.3, Setembro/Dezembro–2011.

WESTON, J. Fred; BRIGHAM, Eugene. F. **Fundamentos da Administração Financeira**. São Paulo: Pearson, 2004.

Anexo 1

Questionário sobre a Relação entre Educação Financeira e Aversão ao Risco

Olá, meu nome é André e gostaria de pedir a sua ajuda para responder esta pesquisa para a minha monografia, visando entender melhor o nível de educação financeira das pessoas e sua relação com a tomada de risco dentro de decisões de investimentos.

Os dados serão analisados de maneira confidencial. Para as perguntas a seguir, não há uma resposta correta, apenas a de sua preferência.

Q1 - Sexo:

- Masculino
- Feminino

Q2 - Idade: _____

Q3 - Como você avalia seus conhecimentos financeiros?

- ☐ Não tenho
- ☐ Razoável
- ☒ Bom
- ☐ Excelente

Q4 - Dentre as opções abaixo, escolha a que consome a MAIOR parte da sua renda pessoal

- ☐ Despesas Gerais (alimentação, água, luz, telefone, moradia, plano de saúde etc...)
- ☐ Despesas Pessoais (lazer, vestuário, etc.)
- ☐ Poupança e Investimento
- ☐ Complemento do orçamento familiar (se você não é a principal fonte de renda, mais ainda assim ajuda em casa)
- ☐ Financiamento e Prestações para aquisição de Bens
- ☐ Outro:

Q5 - Dentre as opções abaixo, escolha a que consome a MENOR parte da sua renda pessoal

- ☐ Despesas Gerais (alimentação, água, luz, telefone, moradia, plano de saúde etc...)
- ☐ Despesas Pessoais (lazer, vestuário, etc)
- ☐ Poupança e Investimento
- ☐ Complemento do orçamento familiar (se você não é a principal fonte de renda, mas ainda assim ajuda em casa)
- ☐ Financiamento e Prestações para aquisição de Bens
- ☐ Outro:

Q6 - Se você tivesse recursos para investir, sem ter um prazo definido para resgatar, em qual das alternativas abaixo você investiria?

- ☐ Ações, pela possibilidade de altos ganhos, mesmo sabendo do risco elevado de perdas
- ☐ Fundos de investimento de risco médio, pois quero um rendimento razoável, ainda que com algum risco
- ☐ Poupança, pois priorizo a segurança em relação ao rendimento

Q7 - Entra no limite do cheque especial

- ☐ Nunca
- ☐ Algumas vezes
- ☐ Frequentemente
- ☐ Sem condições de responder

Q8 - Você aprendeu a respeito de gestão de dinheiro com as seguintes fontes:

Pais:

1 a 5 (Sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente)

Amigos:

1 a 5 (Sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente)

Escola (faculdade):

1 a 5 (Sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente)

Livros:

1 a 5 (Sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente)

Mídias eletrônicas:

1 a 5 (Sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente)

Trabalho:

1 a 5 (Sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente)

Experiência de vida:

1 a 5 (Sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente)

Q9 – Selecione os investimentos que você tem ou já teve? (pode ser mais de uma opção)

- ☐ Poupança
- ☐ Títulos e Renda
- ☐ Títulos Públicos
- ☐ Fundos de Renda Fixa
- ☐ Fundos Multimercado
- ☐ Fundos de Ações
- ☐ Fundos Imobiliários
- ☐ Fundos de Previdência Privada
- ☐ Ações
- ☐ Mercado Futuro (BM&F)
- ☐ Derivativos (BM&F)
- ☐ Nunca tive investimentos

Q10 - Qual a melhor opção para descrever sua tolerância ao risco?

- ☐ Baixa: estou disposto a ter pouca rentabilidade, desde que meu patrimônio seja preservado e eu não perca o meu poder de comprar
- ☐ Regular: estou disposto a assumir possíveis riscos. Meu objetivo de rentabilidade é bem próximo ao da taxa de juros DI (CDI)
- ☐ Média: estou disposto a assumir riscos maiores para alcançar retornos acima das tradicionais aplicações em Renda Fixa
- ☐ Alta: estou disposto a assumir riscos elevados para alcançar retornos expressivos

Q11 - O que você faria se as suas ações caíssem 20%?

- ☒ Venderia todas as ações

- ☐ Venderia uma parte das ações
- ☐ Permaneceria com a mesma quantidade de ações
- ☐ Compraria mais ações

Q12 - Você acabou de economizar para as “férias dos seus sonhos”, mas, três semanas antes da viagem, é demitido do seu trabalho. Você:

- ☐ Cancela as férias
- ☐ Escolhe uma viagem muito mais modesta
- ☐ Faz o programado, porque você precisa de tempo para se preparar para buscar um novo trabalho
- ☐ Amplia suas férias, porque esta pode ser sua última chance de viajar na primeira classe

Q13 - Se você inesperadamente recebesse R\$ 20.000,00 para investir, o que você faria?

- ☐ 60% em investimentos de baixo risco; 30% em investimentos de risco médio e 10% em investimentos de alto risco
- ☐ 30% em investimentos de baixo risco; 40% em investimentos de risco médio e 30% em investimentos de alto risco
- ☐ 10% em investimentos de baixo risco; 40% em investimentos de risco médio e 50% em investimentos de alto risco

Q14 - Dados os retornos possíveis oferecidos nos quatro investimentos abaixo, qual deles você prefere?

- ☐ R\$ 200,00 de ganho no melhor resultado; R\$ 0 no pior resultado
- ☐ R\$ 800,00 de ganho no melhor resultado; R\$ 200,00 de perda no pior resultado
- ☐ R\$2.600,00 de ganho no melhor resultado; R\$ 800,00 de perda no pior resultado

() R\$4.800,00 de ganho no melhor resultado; R\$2.400,00 de perda no pior resultado